

## PERCEPÇÕES SOBRE A CONDOTA CRISTÃ NA PÓS-MODERNIDADE

---



*“Porque chegará o tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, desejando muito ouvir coisas agradáveis, ajuntarão para si mestres segundo seus próprios desejos; e não só desviarão os ouvidos da verdade, mas se voltarão para as fábulas.” (2Timóteo 4:3 – Almeida Século 21)*

Mais do que em qualquer outra época, o mundo atual é marcado pela relativização dos princípios éticos, morais e comportamentais. A pós-modernidade é a condição sócio-cultural e estética que prevalece desde a queda do Muro de Berlim e a conseqüente

crise das ideologias que dominaram o século XX. A pós-modernidade faz uma crítica dos pilares fundamentais da modernidade (como a crença na verdade e na linearidade histórica) e propõe novos valores menos fechados e categorizantes na nossa forma de pensar<sup>1</sup>. E tudo isso graças ao relativismo.

O relativismo é uma doutrina que prega que algo é relativo, contrário de uma idéia absoluta, categórica. É uma atitude ou doutrina que afirma que as verdades (morais, religiosas, políticas, científicas etc.) variam conforme a época, o lugar, o grupo social e os indivíduos de cada lugar. O relativismo leva em consideração diversos tipos de análise, absurdas ou não, colocando-as em igualdade de veracidade – mesmo sendo análises aparentemente contraditórias. Assim podemos concluir que o relativismo é um termo filosófico que se baseia na relatividade do conhecimento e repudia qualquer verdade ou valor absoluto. Todo ponto de vista é válido<sup>2</sup>.

Todos nós, seres humanos, somos idiossincráticos<sup>3</sup>. Isso faz com que nos tornemos produtos do meio social, cultural e filosófico em que vivemos. Em nosso contexto evangélico/eclesiástico os resultados são os mesmos. O relativismo está impregnado no meio evangélico. As igrejas evangélicas, por fazerem parte de um contexto social dinâmico, não ficaram imunes à forma de pensar na qual os valores morais não apresentam validade universal e absoluta, diversificando-se ao sabor de circunstâncias históricas, políticas e culturais. Elas não percebem que no relativismo tudo é relativo, inclusive a relatividade. A consequência disso é que, na maioria das igrejas evangélicas, a conduta cristã – principalmente entre os mais jovens – não é diferente do modo de agir daqueles que ainda não conhecem os princípios éticos e morais contidos no Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo.

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-modernidade>

<sup>2</sup> Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Relativismo>

<sup>3</sup> **Idiossincrasia.** Predisposição particular do organismo que faz que um indivíduo reaja de maneira pessoal à influência de agentes exteriores. É o temperamento especial de cada indivíduo – relativamente à influência que nele exerce o que lhe é alheio. (Dicionário Houaiss)

O resultado desse fenômeno é a constatação – através de percepções bíblicas – de pelo menos quatro agentes nocivos presentes no interior das igrejas. São eles:

**1. A globalização do comportamento cristão.** A Bíblia há muito tempo deixou de ser a nossa regra de fé e prática. Hoje o mundo evangélico (ou *gospel*, como preferem alguns) é guiado por tudo o que há de pior em moda, costumes e tendências importados da América do Norte – principalmente dos EUA. No que tange a teologia não é diferente. O pragmatismo<sup>4</sup> impera na maioria das igrejas evangélicas. E o inconsciente coletivo das pessoas parece estar anestesiado.

**2. A mundanização da fé.** Mundanização é a aceitação daquilo que é mundano em relação ao que é santo. É a inversão de valores por parte da igreja, quando ela começa a se voltar para o presente século esquecendo-se completamente de sua natureza e do seu futuro eterno. A secularização, ou de forma mais direta, a mundanização da igreja é sem dúvida a razão da frieza espiritual tão evidente em nossos dias. O evangelho pregado deixou de ser o Evangelho da cruz, isto é, da renúncia e do arrependimento, e passou a ser o evangelho das facilidades e das bênçãos terrenas e temporais. O conceito de santidade parece que se tornou obsoleto.

**3. A fragmentação da experiência cristã.** A maioria daqueles que se dizem cristãos vive uma vida espiritual superficial. Não há mais intimidade com Deus. Muitos se acostumam a viver uma vida ritualística dentro e fora da igreja. São pessoas que cultivam uma fé emprestada, isto é, se apoiam na fé dos outros em vez de gerar fé em Deus no próprio coração. Não entendem que a ação de Deus em nossa vida não se manifesta devido ao simples conhecimento que temos sobre Deus, mas pela fé que depositamos nEle. De forma que não é possível ter fé sem conhecimento, mas é possível ter conhecimento sem fé. A fé é gerada quando o conhecimento que possuímos é aplicado à vida. A aplicação do conhecimento é quem gera a convicção no coração.

**4. A paganização da regra de fé.** A teologia relacional<sup>5</sup> é uma marca em nossa geração. Na prática, parece que não serviu para nada a recomendação do apóstolo Paulo para que “*que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulentamente*” (Efésios 4:14). A sã doutrina vem aos poucos sendo substituída pelo subjetivismo teológico onde cada pessoa interpreta as Sagradas Escrituras de acordo com os próprios princípios e valores. A teologia bíblica perdeu lugar para as ideologias humanas e o paganismo eclesiástico no meio evangélico se tornou evidente.

---

<sup>4</sup> **Pragmatismo** é uma filosofia que leva em conta a experiência, em todos os sentidos. Ele toma por critério da verdade o valor prático. Para o pragmatismo é verdadeiro tudo o que pode ser feito com êxito e não há verdade absoluta. Quem tem pragmatismo é aquele que toma o valor prático como critério da verdade.

<sup>5</sup> A **teologia relacional** considera a concepção tradicional de Deus como inadequada, ultrapassada e insuficiente para explicar a realidade, especialmente catástrofes, e por isso se apresenta como uma nova visão sobre Deus e sua maneira de se relacionar com a criação. Para os adeptos dessa corrente de pensamento, Deus não é soberano, Ele ignora o futuro, se arrisca, é vulnerável e também mutável.